

**NAS VEREDAS DO PB, SEIXOS DO PE ARCAICO:  
UMA ANÁLISE TEXTUAL-INTERATIVA DA SINTAXE DE  
UMA POSSÍVEL ESTRUTURA DE TÓPICO  
EM CRÔNICAS DOS SÉCULOS XV E XVI**

*Emanoelle Maria Brasil de Vasconcelos* (UFCG)

[emanoelle.maria@estudante.ufcg.edu.br](mailto:emanoelle.maria@estudante.ufcg.edu.br)

*Lucyellen Pereira Herculano* (UFCG)

[lucyellen.pereira@hotmail.com](mailto:lucyellen.pereira@hotmail.com)

*Thiago Jorge da Silva* (UFCG)

[thiago.jorge@estudante.ufcg.edu.br](mailto:thiago.jorge@estudante.ufcg.edu.br)

*Viviane Moraes De Caldas* (UFCG)

[viviane.moraes@professor.ufcg.edu.br](mailto:viviane.moraes@professor.ufcg.edu.br)

**RESUMO**

Este artigo se dá no âmbito dos estudos diacrônicos e histórico-comparativos. Baseados em Castilho (2007; 2010) e Tarallo (2018), empreendemos uma discussão teórica sobre a instituição do PB a partir da posição conservadora, cuja hipótese é a de que o PB atual manteve a estrutura do português arcaico que aqui aportou quando da invasão portuguesa, nos séculos XV e XVI e na refutação da hipótese crioula para qual o PB é uma língua fruto da confluência das línguas portuguesa, indígenas e africanas, dadas as relações, forçadas e violentas, que se deram entre esses povos. Sustentados nessa posição, buscamos tentar oferecer sugestões de resposta à questão: teriam as inversões sintáticas encontradas em crônicas coletadas por Paiva (1988) dos séculos XV e XVI um funcionamento textual-interativo correspondente ao das construções de tópico-comentário em voga no PB atual? Se entre o português arcaico e o PB atual há ou decorrem semelhanças, valeria o esforço de empreender comparações. Com base em Castilho (2003; 2010), em Neves (2000; 2011) e Koch e Elias (2010) discutimos teoricamente as noções de construção de tópico e referencialização, respectivamente; além de Bally (1951) e Câmara Jr (1978) que nos forneceram os conceitos necessários para a compreensão da noção de estilística sintática. Nossa análise sugere que algumas inversões sintáticas podem corresponder, textual-interativamente (NEVES, 2020), a construções específicas de tópico, as quais propomos chamar de antecipação tópica referencial cuja função é atualizar a rede referencial dos textos.

**Palavras-chave:**

**Hipótese conservadora. Inversão sintática. Construção de tópico.**

**RÉSUMÉ**

Cet article s'inscrit dans le cadre d'études diachroniques et historico-comparatives. Sur la base de Castilho (2007; 2010) et Tarallo (2018), nous avons entrepris une discussion théorique sur l'institution du BP à partir de la position conservatrice, dont l'hypothèse est que le BP actuel a maintenu la structure du portugais archaïque qui a contribué ici lors de l'invasion portugaise, aux XVe et XVIe

siècles et dans la réfutation de l'hypothèse créole selon laquelle le BP est une langue résultant de la confluence des langues portugaise, indigène et africaine, étant donné les relations forcées et violentes qui s'étaient instaurées entre ces peuples. Soutenus dans cette position, nous essayons de proposer des suggestions pour répondre à la question: les inversions syntaxiques trouvées dans les chroniques recueillies par Paiva (1988) des XVe et XVIe siècles auraient-elles un fonctionnement textuel-interactif correspondant à celui des constructions topique-commentaires dans vogue dans le BP actuel? S'il existe ou existe des similitudes entre le portugais archaïque et le BP actuel, cela vaudrait la peine de faire des comparaisons. Sur la base de Castilho (2003; 2010), Neves (2000; 2011) et Koch et Elias (2010), nous discutons théoriquement des notions de construction de sujet et de référencement, respectivement ; en plus de Bally (1951) et Câmara Jr (1978) qui nous ont fourni les concepts nécessaires pour comprendre la notion de stylistique syntaxique. Notre analyse suggère que certaines inversions syntaxiques peuvent correspondre, textuellement-interactivement (NEVES, 2020), à des constructions thématiques, que nous proposons d'appeler anticipation référentielle topique dont la fonction est de mettre à jour le réseau référentiel de textes.

**Mot clés:**

**Hypothèse conservatrice. Inversion syntaxique. Construction du sujet.**

## **1. Introdução**

Dos diversos estudos que se debruçaram sobre as distinções entre o português brasileiro (PB) e o português europeu (PE), a partir de uma abordagem das histórias interna (linguística) e externa (social) da língua que aqui, nos trópicos, se desenvolveu, instigou-nos de modo especial os trabalhos de Castilho (2007; 2010) e Tarallo (2018). O primeiro, em texto de pretensões mais didáticas que analíticas, observa que as questões que outrora, a partir dos estudos históricos, se debruçavam sobre o desenvolvimento das línguas românicas acabaram por ganhar novos contornos nas colônias. Dito de outro modo, o estatuto das manifestações de linguagem da România Velha se desenhou de modo distinto na România Nova (BASSETTO, 2001) – as colônias a que chegaram os povos das línguas românicas quando da expansão mercantil e marítima dos principais centros europeus – mediante contatos linguísticos com as populações autóctones que aqui já estavam e com as africanas que para cá vieram escravizadas. Do segundo, para além de toda a rica e vasta contribuição aos estudos da variação linguística, nos interessou os trabalhos que demonstram a dificuldade em se provar a hipótese crioula desenvolvida, sobretudo, por Guy (1981), que interpreta a implantação do PB como resultado de um processo de crioulação do PE em contato com as diversas línguas africanas que aqui aportaram forçada e violentamente.

Ainda quanto a esses estudos, Castilho (2007) tece considerações

sobre as linhas argumentativas que versam sobre a língua portuguesa da România Nova, o Brasil, colônia de Portugal, de suas especificidades e particularidades tanto históricas quanto linguísticas a fim de defini-la enquanto língua brasileira. Ele organiza o texto em torno de três orientações: (i) o problema da implantação do PB; (ii) as variedades do PB; e (i-ii) PB e sociedade nacional. Interessa-nos, de modo particular, a orientação (i), na qual, Castilho apresenta algumas hipóteses interpretativas do português brasileiro. Uma delas sustenta que o português dos trópicos seria uma espécie de continuação do português arcaico e acrescenta, citando estudos realizados por Moraes de Castilho (1998/2001 *apud* CASTILHO, 2010, p. 191), que “a variedade quatrocentista [é] aquela que mais contribuições teria dado ao português brasileiro”, sendo as construções de tópico uma das características sintáticas que o PB teria herdado desse português arcaico, característica essa que não se configurou, posteriormente, no PE.

Do mesmo modo, existe a hipótese de que o PB seria produto de um processo de crioulização que tomou por base o português europeu arcaico e as línguas africanas, sobretudo, o banto, o ioruba e o ibo, além, é claro das línguas indígenas, embora de forma mais discreta, uma vez que entre portugueses e indígenas não houve relações comerciais tão intensas quanto as empreendidas (forçada e violentamente, frise-se mais uma vez!) com os indivíduos africanos escravizados (Cf. CASTILHO, 2010). Isso porque, ainda segundo Castilho, de modo geral, o crioulo evolui de um estado anterior e bastante rudimentar de língua, o pidgin. O autor explica que esse estado de língua nasce do imprevisto forçado pelo contato entre povos de línguas distintas e serve para suprir necessidades de apenas uma só demanda de comunicação ligada a relações do tipo comercial. O crioulo é o pidgin desenvolvido a partir do contato elaborado e reiterado entre os povos, de tal modo que a língua do colonizador se sujeita a dadas características estruturais da língua dos povos colonizados. Tarallo (2018), por sua vez, sustenta que o PB, como é característica das línguas crioulas, não tem apresentado indícios de retornar a um estágio anterior da língua de maior predominância, no caso, o PE, em processo denominado descrioulização.

Desse modo, o presente artigo se desenvolve em meio aos estudos que sustentam a posição conservadora de que o português brasileiro seria uma continuação do português arcaico (Cf. CASILHO, 2007; 2010) e, por isso, pretende verificar se o exame de textos escritos séculos atrás, em português arcaico, poderia nos fornecer indícios de características sin-

táticas semelhantes entre o português quatrocentista/quinhentista e o PB atual. De modo mais específico, a partir da coletânea de textos dos séculos XV e XVI realizada por PAIVA (1988), para uma ideia inicial de análise, resolvemos observar estruturas em que haja a ocorrência de inversões sintáticas nas quais os argumentos internos dos verbos são trazidos para o início das orações. Isso porque Castilho (2010), no que diz respeito à estrutura funcional da sentença, elucida que, no português brasileiro, são cada vez mais comuns as construções de tópico em que “sintagmas nominais anacolúticos (...) são deslocados para a esquerda [tópico] e para a direita [antitópico]” (CASTILHO, 2010, p. 279). Esses sintagmas deslocados de suas orações corresponderiam a um tipo diferente de construção de rede referencial no discurso (Cf. NEVES, 2011) e, portanto, a uma estratégia de modalização (Cf. NEVES, 2000). Propomos, portanto, realizar uma análise funcional (Cf. CASTILHO, 2010; NEVES, 2010; 2011; CAVALCANTE, 2015) de alguns textos coletados por Paiva (1988), a partir dos quais seja possível determinar as semelhanças textual-interativas (Cf. NEVES, 2020) entre as inversões sintáticas dos textos quinhentistas e as construções de tópico do PB atual.

Assim, a questão que norteia este trabalho é: teriam as inversões sintáticas encontradas em textos dos séculos XV e XVI um funcionamento textual-interativo correspondente ao das construções de tópico-comentário em voga no PB atual?

Cientes de que o estudo a que se presta este artigo pode não oferecer profícuas descobertas, antes mesmo de termos procedido às etapas de análise, centramos a atenção na testagem das seguintes hipóteses à questão norteadora: (i) não correspondem porque tais inversões são recursos de estilo e não dão indícios de que sejam recursos modalizadores a fim de se enfatizar um ou outro referente; (ii) não correspondem porque tais inversões se dão no âmbito do registro escrito e não no falado, como é o caso dos usos de tópico comentário no PB atual; (iii) correspondem porque tais inversões são opções a que procedem os autores com o propósito de se evidenciar os argumentos internos (complementos) dos verbos .

De modo a oferecer sugestões de resposta à questão proposta, elencamos as seguintes etapas de análise que correspondem aos objetivos específicos deste artigo:

a) Determinar a configuração sintática dos excertos de texto em que ocorrem as inversões sintáticas nos textos quatrocentistas e quinhentistas selecionados em Paiva (1988);

b) Analisar textual-interativamente a rede referencial construída a partir dos deslocamentos sintagmáticos ocorridos nas inversões sintáticas nos excertos de texto selecionados;

c) Comparar, a partir dos resultados obtidos nas etapas anteriores, os efeitos de sentido provocados pela inversão sintática do ponto de vista funcional e do ponto de vista da estilística de texto.

Acreditamos que o presente trabalho pode ser fruto de pesquisas mais aprofundadas e que requeiram um recorte maior de textos a serem observados, além de enriquecer o debate sobre a questão da implantação do PB no âmbito dos estudos histórico-comparativos.

## **2. Construindo o objeto de análise**

O *corpus* do trabalho foi selecionado dentre os textos anotados de Dulce Faria de Paiva, que compõe o livro “História da Língua Portuguesa” (1988). Delimitamos a análise dos textos produzidos entre o século XV e XVI, em específico nos quais haja ocorrências de inversões sintáticas, cujo complemento se posiciona antes da oração.

É importante ressaltar que a linguagem como objeto de conhecimento se difere de outros, pois “a linguagem torna possível também o desenvolvimento do conhecimento sobre a própria linguagem.” (TRABANT, 2020, p. 80). Ademais, é indubitável que a linguagem se constitui como uma herança social e histórica, cujos resquícios podem perpassar ao longo dos séculos, assim, “uma visão completa, um conhecimento detalhado de seu mecanismo, de sua estrutura, de sua semântica e até de sua ortografia só podem ser obtidos através da pesquisa diacrônica” (BASSETTO, 2001, p. 85).

Neste trabalho utilizamos dois métodos da filologia, com a finalidade de obter uma visão mais completa sobre o objeto de investigação. A partir do método histórico-comparativo, que é básico nos estudos filológicos, assim, em resumo aplicamos na pesquisa para relacionar estágios passados das construções de frases no português, bem como identificar a relação histórica de causa e consequência na evolução cronológica das inversões sintáticas. Amalgamado àquele, e considerando que a nossa problemática se baseia nos aspectos sintáticos da língua, utilizamos também o método idealista uma vez que foi o idealismo que, segundo Vidos (2001, p. 101-2), “fez justiça à estilística, até então descuidada, na qual o caráter estético, as possibilidades individuais de expressão da língua apa-

recem mais claramente e, com ela, também a sintaxe”, de modo a considerar a língua como um objeto de criação do espírito cultural de um povo.

### **2.1. Da constituição do corpus e etapas de análise**

De modo a efetivar uma pesquisa de caráter histórico-comparativo e que fornecesse dados condizentes com os objetivos de análise a que nos propomos neste artigo, nos valem da coletânea de textos dos séculos XV e meados do XVI realizada por Dulce Faria de Paiva (1988). Seleccionamos 03 (três) textos dos quais destacamos 04 (quatro) excertos que apresentam sentenças em cuja construção se realiza algum tipo de inversão sintática, das quais seleccionamos 07 (sete) para fazer a demonstração de análise.

Por inversão sintática compreendemos algum tipo de construção em que há variação na ordem dos termos da oração, seja por intercalação ou por antecipação (Cf. BECHARA, 2014). Considera-se, para os efeitos do que acabamos de compreender como variação da ordem dos termos de uma oração, que a ordem padrão das orações em língua portuguesa se dá em Sujeito-Verbo-Complemento (Cf. BAGNO, 2013). De modo ainda mais restrito, procuramos vasculhar nos textos que compõem o nosso *corpus*, inversões de antecipação de termos, sobretudo de argumentos internos que se deslocam para o início da sentença, em posição tópica.

O Quadro I ilustra os textos que averiguamos, bem como a quantidade de antecipações de argumentos internos para a posição de tópico, as quais, por isso, chamaremos nesse trabalho antecipações tópicas, que encontramos em cada um dos textos:

Quadro I. Textos seleccionados em Paiva (1988) e quantificação de antecipações tópicas.

| <b>Código</b>                 | <b>Texto/ ano em que foi escrito</b>                | <b>Nº de antecipações tópicas</b> |
|-------------------------------|---|-----------------------------------|
| Excerto 01                    | Leal Conselheiro, de Dom Duarte (1435-1438)         | 3                                 |
| Excerto 02                    | Leal Conselheiro, de Dom Duarte (1435-1438)         | 1                                 |
| Excerto 03                    | Crônica de Fernão Lopes à Dom João I, do século XV. | 2                                 |
| Excerto 04                    | Menina e moça, de Bernardim Ribeiro (1530 ou 1540). | 1                                 |
| Total de antecipações tópicas |   | 7                                 |

Fonte: os Autores, 2021.

De modo geral, a coletânea de Paiva (1988) é composta por crônicas, algumas com algum teor literário, outras de caráter oficioso e mesmo

religioso. Assim, os propósitos variam entre relatos que narram a conquista de um determinado território e outros de caráter mais subjetivo e mesmo lírico que descrevem cenários bucólicos ou aportam reflexões suscitadas por experiências amorosas ou pela observação da natureza.

Quanto as antecipações tópicas, elas se dão, em sua maioria, por meio do deslocamento de argumentos internos do verbo para a esquerda, em um tipo de grelha sintática correspondente a  $SN^2+[SN^1 + V]$ , ou deslocamentos de adjuntos adnominais, em estruturas do tipo  $SN^3+[SN^1 + V + SN^2 + SN^3]$ . Existem outros tipos de deslocamentos e inversões sintáticas, mas, para os propósitos desse artigo, ficamos restritos à análise dessas estruturas, as quais correspondem às categorias de análise que cumhamos de antecipação tópica referencial visto que o sintagma nominal deslocado se evidencia discursivamente em relação ao sintagma nominal que ocupa a posição de sujeito contribuindo para a atualização da rede referencial.

Assim, após seleção dos textos, crônicas dos séculos XV e XVI da coletânea de Paiva (1988), leitura, identificação de inversões sintáticas e recorte dos excertos em que tais inversões ocorrem, procedemos à análise textual-interativa (NEVES, 2020) que consiste em tomar parte não só dos níveis sintáticos das sentenças, mas de seus efeitos no texto e do modo como esses textos serviram para atingir dados propósitos de comunicação na época.

### **3. Construção de tópico: uma estratégia discursiva ou um recurso de estilo?**

Discutiremos brevemente as noções gramaticais de que dispomos quando da análise dos excertos de texto selecionados na coletânea de Paiva (1988). Primeiro, explanaremos as construções de tópicos sustentados em Castilho (2010); em seguida, baseados em Neves (2000; 2011), desenvolveremos, brevemente, o modo como os quadros de referência se constroem textual e discursivamente, além da noção de estratégia de modalização. Finalmente, a partir, sobretudo, de Bally (1951), teremos algumas considerações sobre estilística.

#### **3.1. As propriedades sintáticas das construções de tópico**

Em subcapítulo dedicado à Construção de Tópico, Castilho (2010)

oferece uma tríplice definição do que seja a estrutura de tópico. As duas primeiras, do ponto de vista gramatical, indicam que se trata de deslocamentos de sintagmas nominais, sejam anacolúticos, termos soltos que não realizam qualquer tipo de relação sintática com a oração a que se justapõem, ou até mesmo constituintes sentenciais que se desprenderam da oração em que figuram, costumeiramente, como argumentos internos dos verbos, como ocorre com o sintagma nominal destacado na sentença [*Esses jogadores jovens*], *eles pouco se importam em ajudar*. Podemos perceber que o trecho deslocado em destaque é argumento interno do verbo “ajudar”, predicador da oração subordinada substantiva objetiva indireta que completa o sentido da oração principal predicada por “se importam”. Assim, temos para a construção de tópico, uma estrutura do tipo  $SN^2 + [SN^1 + V + SN^2]$ .

Esse deslocamento não é fortuito, ainda segundo Castilho (2010), discursivamente, “essa expressão fornece um quadro de referências para o que vai ser elaborado no texto [além de], do ponto de vista semântico, veicular uma informação ainda não integrada na memória de curto prazo” (CASTILHO, 2010, p. 279).

Faz-se necessário, no entanto, observar que há um debate sobre as construções de tópico quanto ao estatuto do termo deslocado: se se trata de categorias tão somente discursivas que, outrora, foram gramaticais ou se se tratam de categorias gramáticas que, outrora, foram tão somente discursivas, como apresenta Castilho (2010), valendo-se de toda a sua agudeza e ligeireza de espírito:

Há, sim, um permanente esforço em tratar separadamente essas expressões, o que tem motivado as seguintes “explicações”, em que (i) exclui (i-i):

(i) Categorias discursivas, como as construções de tópico, derivam de categorias gramaticais, portanto, se existe alguma construção de tópico por aí, trate logo de descobrir se é um sujeito ou um complemento que se movimentou para a esquerda da sentença.

(ii) Categorias gramaticais procedem de categorias discursivas, no processo de gramaticalização, portanto, as construções de tópico foram andando, foram andando, até que de repente se transformaram em sujeito da sentença. Assim como o sapo da fábula, que virou príncipe. Ou teria sido o contrário? (CASTILHO, 2010, p. 281)

Tendemos a concordar com a primeira proposição, uma vez que, em alguns casos, ainda que os elementos deslocados sejam meramente anacolúticos, fragmentos que não estabelecem, superficialmente, relação sintática com a oração a que se acoplam, eles organizam discursivamente



o texto (ou fala, já que os primeiros estudos sobre a estrutura de tópico partem dessa modalidade (Cf. CASTILHO, 2003)) por meio da rede referencial que constroem de modo a tornar coeso o fio temático do texto. Um meio termo, no entanto, parece sugerir Givón (1979) quando afirma que todo referente que ocupa a posição de sujeito é o tópico de alguma proposição de modo tal que podemos considerar que a noção sintático-gramatical deriva da noção discursiva de tópico.

Para as pretensões deste estudo, podemos considerar que as construções de tópico são operadas por termos referenciais que se deslocam das orações e são motivados por necessidades discursivas operadas pelos usuários da língua a fim de atualizar a rede referencial de suas proposições e, conseqüentemente, manter a coesão temática de seu texto. Estratégicamente, portanto, discursivamente, ele, o usuário, assim o faz, para enfatizar um termo referencial. Mas, afinal, o que é referenciar?

### ***3.2. O quadro referencial e a atualização dos tópicos discursivos***

O quadro referencial de um texto é construído mediante o universo lexical de que dispõem os falantes e usuários da língua para se referirem, sob a mediação da linguagem, à realidade objetiva e também subjetiva, ao mundo real e aos objetos que o compõem. Neves (2011) salienta que “a referenciação envolve interação, e, conseqüentemente, intenção” (NEVES, 2011, p. 75). Isso porque os textos e as proposições, de um modo geral, ocorrem em dadas circunstâncias sociais que fazem entreter indivíduos, os quais, por sua vez, negociam os sentidos construídos na troca linguística.

Assim, os sintagmas nominais da estrutura de tópico de que tratamos acima, a saber,  $SN^2 + [SN^1 + V + SN^2]$ , referem-se todos a noções, ideias, objetos, nomes, itens lexicais a partir dos quais categorizamos a realidade e efetivamos a construção de uma rede referencial. É a partir desse quadro de referentes que compõem os mais diversos textos que produzimos socialmente que é possível coproduzirmos os sentidos ao longo de uma leitura, de tal modo que é a rede de referentes a responsável por orientar o discurso através de mecanismos de interpretação, como a anáfora ou a inferência. Observemos a notícia a seguir:

A Justiça da Paraíba determinou a prisão preventiva de **duas pessoas** pelo assassinato do estudante de Agronomia, Virgulino Ferreira da Silva, mais conhecido como Lampião. **Os acusados** são Maria Bonita, que teria um relacionamento amoroso com Lampião, e João José Corisco, que seria

amigo da **vítima**. O G1 teve acesso à decisão do Juiz Epitácio Pessoa nesta segunda-feira (11). **Os acusados** estão foragidos. (adaptado de G1, 2021)

Verifica-se com alguma facilidade o modo como os termos grifados se agenciam catafórica ou anaforicamente aos nomes dos indivíduos envolvidos na história. Para [duas pessoas], termo genérico que envolve uma sorte de categoria a qual, qualquer indivíduo nomeado, possa pertencer desde que não seja de outra espécie animal. Para [os acusados], em sua primeira aparição figura como catáfora dos referentes que figuram como nomes próprios Maria Bonita e João José Corisco, e, na segunda, como anáfora desses mesmos nomes. O referente [vítima] retoma por anáfora o indivíduo que foi assassinado, referenciado com o nome próprio Virgulino Ferreira da Silva.

Queremos enfatizar com isso que o quadro referencial oferece a substância dos textos e são mobilizados pelo autor a partir de uma característica inerente de interação, ou dialógica, que faz funcionar e ter sentido real todo e qualquer texto. Koch e Elias (2010), sobre referenciação, definem:

Denomina-se referenciação, as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão textual. (KOCH; ELIAS, 2010, p. 123)

Desse modo, depreendemos que a introdução de referentes no discurso é uma escolha dos usuários, dado o caráter intencional e interativo da linguagem, e, também uma forma de proceder a modalizações, ou seja, estratégias de ênfase de referentes ou mesmo de seu apagamento (Cf. NEVES, 2000).

A discussão teórica que vimos desenvolvendo aqui, portanto, deuse no sentido de demonstrar que o quadro referencial é construído no agenciamento de sentidos realizados pelos usuários da língua e que, portanto, a posição das entidades referidas, representadas gramaticalmente pelos sintagmas nominais, em toda e qualquer construção, inclusive na de tópico, é fundamental para percebemos, textual-interativamente, quais argumentos são evidenciados em detrimento de outros nas sentenças. Consideramos que é somente a partir de uma abordagem textual e discursiva dos textos quatrocentistas e quinhentistas de que tomaremos parte na análise que podemos conceber as inversões sintáticas como estratégias de construção da rede referencial prototípicas das estruturas de tópico do PB atual.

### **3.3. Breves considerações sobre a Estilística Sintática**

A estilística estuda os recursos afetivos e expressivos da linguagem, bem como o seu lado criativo, que se demonstra como uma possibilidade de emocionar o outro por meio do estilo empregado, assim sendo é caracterizada por este contraste entre a representação e a emoção. De acordo com Matoso Câmara Jr. (1978), a estilística pode se relacionar com a expressão em diversos elementos da língua, a saber, fonéticos/fonológicos, lexicais/semânticos, morfológicos e sintáticos, de maneira que as fronteiras entre elas não são absolutas, mas graduais. Para este trabalho interessa a estilística sintática, cujo objeto de estudo corresponde a ordem sintática, como por exemplo, a sua ruptura ou inversão dentro de uma frase ou um verso.

O estilo é ao mesmo tempo individual e coletivo, pois é expressão da emoção, mas essa se faz por meio da língua, existe um jogo dialético entre estes dois estilos. Assim, há um condicionamento social para que se desenvolvam estruturas e temas de obras artísticas, de modo que as questões estilísticas estariam relacionadas à espontaneidade e à sociedade, ademais, frise-se que “existe um fosso intransponível entre o uso da linguagem por um indivíduo nas circunstâncias gerais e comuns impostas a qualquer grupo linguístico e o uso que faz um poeta, um romancista, orador” (CHARLES BALLY, 1951, p. 19)<sup>151</sup>, isto porque de um falante comum é possível medir o desvio da expressão individual da norma padrão, mas quando o discurso é literário o emprego da língua é um ato voluntário e consciente, utilizado para fins de criação artística e estética.

Nesta análise do valor apelativo e afetivo dos fatos da linguagem organizada, se observa várias funções da língua, com base na tripartição de Bühler, podemos citar a função de representação – intelectual –, que seria a essencial, na qual é abordado o assunto, ou seja, a representação da realidade, e as funções de manifestação psíquica e de apelo, que correspondem respectivamente a expressão/sensibilidade do emissor e a influência sobre os interlocutores (Cf. POSSENTI, 2005).

---

<sup>151</sup> Texto original: Il y a un fossé infranchissable entre l'emploi du langage par un individu dans les circonstances générales et communes imposées à tout un groupe linguistique, et l'emploi qu'en fait un poète, un romancier, un orateur. (BALLY, 1951, p. 19). A tradução é de nossa responsabilidade.

#### 4. Os efeitos textual-interativos das antecipações tópicas referenciais para a construção da referenciação textual

O que propomos chamar de antecipações tópicas nas investigações que aqui empreendemos são as inversões sintáticas de argumentos na sentença que, por sua vez, corresponderiam, ao menos discursivamente, ao trabalho da rede referencial, uma vez que os sintagmas nominais deslocados para atualizar tópicos discursivos na memória do interlocutor ou leitor (Cf. CASTILHO, 2010). Ainda que sejam também consideradas como meros recursos de estilo de um escritor propenso a, tal qual o ourives, trabalhar esteticamente a linguagem, as inversões selecionadas, neste trabalho, são examinadas textualmente, por meio da noção de referenciação (Cf. NEVES, 2011; KOCH; ELIAS, 2015), é importante que isso fique claro.

O Excerto 01, a seguir, apresenta 04 (quatro) inversões sintáticas ou antecipações tópicas, se analisadas do ponto de vista da referenciação e da construção de tópicos. Segue o Excerto 01:

[Excerto 01] – **[Do fallar] som fallicymentos:** renegar, jurar, **[contra deos] murmurar**, desasperar, **[heresias]afirmar ou ensinar contra as ordenanças da igreja**, mal razoar, **[dalguem] mal dizer**, assanhar ou provocar, myntir, enganar, desonesto falar, perfiar sem tempo ou contra quem non convem, deprezar ou doestar os que non devemos, palrrar o que se deve guardar, ou nom amoestar, enssynar, encamynhar, castigar, consollar, scusar quando he bem de fazer, nem outorgar o que herazom. (Leal Conselheiro, de Dom Duarte, em Paiva (1988, p. 242)).

No trecho destacado, que encabeça o parágrafo, a estrutura da sentença apresenta uma inversão sintática em que o sintagma nominal deslocado para a esquerda, [Do fallar], é um adjunto adnominal do predicativo [fallicymentos]. De acordo com as anotações de Paiva (1988), *fallar* corresponde a *discurso* e *fallicymentos* a *falhas*. Desse modo, o ordenamento padrão dos constituintes na sentença ficaria [*São falhas do discurso: ...*] de tal modo que todos os verbos no infinitivo que se seguem após os dois pontos funcionam, sintaticamente, como orações subordinadas substantivas subjetivas reduzidas de infinitivo da sentença inicial. Por exemplo, caso tomássemos uma ou duas orações subordinadas representadas por um dos verbos na forma infinitiva para completar a sentença, teríamos [*Renegar e jurar são falhas do discurso*]. Assim, no modo como a sentença foi construída, o sintagma nominal de adjunto adnominal [Do fallar] constitui uma antecipação tópica referencial, na medida em que, discursivamente, o autor do texto quis evidenciar esse referente (no caso, discurso), transformando-o em tópico discursivo do parágrafo, ou seja, o

assunto em torno do qual os sentidos do texto se desenvolverão.

Em termos estruturais, a sentença corresponde a  $SN^3+[SN^1+V+SN^2]$  em que  $SN^3$  corresponde ao adjunto adnominal deslocado,  $SN^1$  a toda e qualquer oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitiva que esteja arrolada após os dois pontos,  $V$  à [som (ou são)] e  $SN^2$  o argumento interno de tipo predicativo [falicymentos (ou falhas)]. A antecipação tópica, nesse caso, corresponde, portanto, a uma estratégia de modalização do discurso por parte do autor que quis assim trabalhar de modo singular a contração da rede referencial. Trata-se de texto cujo propósito é orientar ou mesmo exortar os leitores para que vigiem o que externam, para que tenham uma conduta reta ao discursar (falar).

Na segunda construção destacada, [contra deos murmurar], temos que o sintagma nominal preposicionado [contra deos] antepõe-se ao verbo, em posição tópica. A oração diz respeito a um dos itens arrolados no parágrafo e, portanto, como vimos, a uma oração subordinada substantiva subjetiva reduzida de infinitivo. Segundo Paiva (1988), o verbo [murmurar], no texto, está sendo empregado no sentido de dizer heresias ou praguejar. Desse modo, a sentença é construída a partir da grelha sintática  $SN^3+[SN^1+V+SN^2]$ , figurando na posição desujeitooracional ou seja, em  $SN^1$ . Assim, figurativamente, temos na ordem direta das orações que [ $SN^1 = SN(\text{vazio}) + V + SN^2$ ] sendo que  $SN^2_{\text{prep}}$  (contra deos) se desloca em antecipação tópica também do tipo referencial.

O mesmo acontece nas sentenças [heresias afirmar ou ensinar contra as ordenanças da igreja] e [dalguem mal dizer], uma vez que também funcionam como itens de orações subordinadas arroladas pelo exortador, como ações a que se deve vigiar para não incorrer em “falha do discurso”. Portanto, são orações que funcionam como  $SN^1$  na posição de sujeito de  $SN^3+[SN^1+V+SN^2]$  em *Do fallar são fallicymenntos*. Em “heresias afirmar” e “de alguém dizer mal”, como nos aponta as anotações de Paiva (1988, p. 243), as sentenças são construídas fora da forma direta das orações, sendo “heresias” argumento interno do tipo objeto direto de “afirmar” e “de algum” adjunto adnominal argumento interno de “dizer” que é “mal”.

No entanto, como o Excerto 02 pode nos demonstrar, nem todas as inversões que se estruturam nas grelhas sintáticas  $SN^3+[SN^1+V+SN^2]$  e  $SN^2 + [SN^1+V]$  correspondem a antecipações tópicas cujo sintagma nominal deslocado é um referente a ser evidenciado discursivamente. Em

Excerto 02, ainda da crônica Leal Conselheiro, de Dom Duarte, temos:

[Excerto 02] – E fynaalmente, [no que dizer] **quysermos**, nos convém consiirarprimeiro o nosso estado, hidade, saber maneira de falar, desempacho e assessego de nosso coraçom. (Leal Conselheiro, de Dom Duarte, em Paiva (1988, p. 242)).

O trecho destacado constitui por si só uma oração subordinada adverbial conformativa deslocada, uma característica das subordinadas adverbiais. Isso porque estamos considerando que a expressão [no que dizer] pode corresponder a “*conforme aquilo que se queira dizer*” e que tem por escopo o verbo “consiirar”. Assim, poderíamos compreender o excerto, e o fazemos tomando por base as anotações de Paiva (1988, p. 243-245), como “*E finalmente, nos convém considerar primeiro, conforme (ou de acordo com) aquilo que se queira dizer, o nosso estado...*”.

Dito isso, a análise sintática da sentença [no que dizer quysermos], enquanto oração subordinada, apresenta uma inversão do argumento interno do verbo “quysermos”, a forma nominal infinitiva “dizer”. Ora, “dizer” é um verbo que exprime ação, logo, consiste-se em uma subordinada substantiva objetiva direta reduzida de infinitivo do verbo “quysermos”. Consideraremos como antecipações tópicas apenas referentes lexicais deslocados, os quais possam ser depreendidos como tópicos discursivos de um parágrafo ou proposição.

Em outra crônica, de Fernão Lopes a Dom João I, podemos destacar estruturas semelhantes de antecipação tópica referencial em que os argumentos internos dos verbos [praz (agrada)] e [soube] se deslocam para antes dos verbos, em posição tópica, com o intuito de evidenciar os referentes que ocupam a posição dos sintagmas nominais deslocados. Observemos o Excerto 03:

[Excerto 03] – Outros screvem isto per contrario, e [desta opiniom] **nos praz mais**, dizendo que em casa deste Prioll dom Alvorio Gomçallvezamdavahuugramleterado e mui profundo astrollogo, que chamavommeestre Thomas. E [per este] **comtom que soube o Prioll**, que huu de seus filhos avia de ser veemcedor.

(Crônica de Fernão Lopes à Dom João I, do século XV, em Paiva (1988, p. 246)).

As construções de tópico comentário se configuram a partir da estrutura  $SN^2 + [SN^1 + V + SN^2]$ , como podemos verificar nas orações dos textos medievais, nos trechos destacados acima, caso as coloquemos na ordem direta S-V-C, padrão do PB hoje, seria “*e nós nos agradamos mais desta opinião*” (tomando “*desta opinião*” como complemento do

verbo “prazer” correspondente de *praz*, e para isso estamos seguindo a nota da própria Dulce de Faria Paiva), constituindo-se então na estrutura SN<sup>3</sup> desta opiniom + [SN<sup>2</sup>nos + Vpraz + SAmais] que vimos procurando demonstrar como abstração da antecipação tópica. Do mesmo modo na segunda oração destacada que, segundo nota de Paiva (1988, p. 247) corresponderia a “*e contam que o Prior soube por este*”, no qual argumento interno do verbo “saber”, do tipo objeto indireto [per este], se desloca para o início da oração.

Assim, os argumentos dos verbos, referentes na malha textual, se deslocam com algum propósito comunicativo, não constituindo tão somente, meros recursos de estilo. Quer-se, de algum modo, evidenciar os sintagmas deslocados para fins de atualização dos tópicos discursivos no texto, suspeitamos. Consideramos, portanto que, no Excerto 03, os trechos destacados funcionam como antecipações tópicas referenciais.

O Excerto 04, por sua vez, oferece um exemplo de como é tênue a distinção entre o que se considera inversão sintática de propósito estético e antecipação tópica própria de uma construção de tópico. O Excerto 04 foi retirado de um texto de natureza literária em que o autor, Bernardim Ribeiro, ao observar a paisagem bucólica de uma determinada paragem, reflete sobre sua relação com o a pessoa amada. Diz Ribeiro no Excerto 04:

E ainda bem nom foi alto dia, quando eu (parece que acinte) determinei hir-me pera o pee deste monte que **[de arvoredos grandes e verdes ervas e deleitosas sombras]cheohe** (monte que é cheio de arvoredos grandes e verdes ervas e deleitosas sombaras), por onde corre hum pequeno ribeiro de agoa de todo ano, que nas noutes caladas o rogado dele faz no mais alto deste monte hum saudoso tom, que muitas vezes me tolheo o sono a mim, onde outras eu vou muitas vezes deixar as minhas lagrimas, onde também muitas enfindas as torno a beber.

(Menina e moça, de Bernardim Ribeiro (1530 ou 1540), em Paiva (1988, p. 255)).

O trecho destacado inverte a posição de três sintagmas nominais adjuntos do adjetivo “cheo”. Temos que [de arvoredos grandes], [verdes ervas] e [deleitosas sombras] completam o sentido do adjetivo. Assim, o trecho pode ser representado pela estrutura de antecipação tópica de que vimos tratando SN<sup>3</sup>+ [SN<sup>1</sup>+V+SN<sup>2</sup>], o que corresponderia a “SN<sup>3</sup> De arvoredos grandes e SN<sup>4</sup> verdes ervas e SN<sup>5</sup> deleitosas sombras [SN<sup>1</sup> o monte V é SN<sup>2</sup> cheio]”. Os adjuntos deslocados têm por propósito colocar em evidência as exuberantes características naturais do monte. Ainda que se trate de texto literário, consideraremos a construção em Excerto

04 como antecipação tópica por conta de seus efeitos discursivos. O tópico do parágrafo são as características naturais da paragem em que o autor se põe a descrever, logo, existe algum tipo de modalização do discurso que se efetiva com a antecipação desses sintagmas nominais.

## 5. *Considerações finais*

A análise que empreendemos neste trabalho teve por intuito testar construções sintáticas que pudessem atestar, ou, de certo modo, realçar as discussões sobre a instituição do PB no que diz respeito à interpretação da hipótese conservadora, aquela que cogita o português arcaico como mais próximo do PB atual do que com o PE atual. Optamos pela testagem das inversões sintáticas encontradas em coletânea realizada por Paiva (1988) que, em suas anotações, afirma serem as inversões de complemento para a posição tópica, ou seja, anteposto ao verbo, “correntes na linguagem da época” (PAIVA, 1988, p. 243).

Se tais inversões constituíam um uso, é provável que as construções em que tais inversões ocorrem não sejam tão somente fruto de trabalho estético sobre a linguagem, mas uma estratégia discursiva de referenciação. Ressalvados pela necessidade de empreender estudos de *corpus* mais robusto, acreditamos que a análise a que procedemos neste artigo pode, ao menos, nos autorizar a darmos continuidade às pesquisas que busquem compreender as relações entre o português arcaico quinhentista e o PB atual.

Assim, diante da questão que norteou o presente estudo, a saber, teriam as inversões sintáticas encontradas em crônicas coletadas por Paiva (1988) dos séculos XV e XVI um funcionamento textual-interativo correspondente ao das construções de tópico comentário em voga no português brasileiro atual?, acreditamos ter inviabilizado a hipótese (i) não correspondem porque tais inversões são recursos de estilo e não dão indícios de que sejam recursos modalizadores a fim de se enfatizar um ou outro referente e viabilizado a hipótese (iii) aquela que considera as inversões sintáticas não somente recursos de estilo, mas estratégias discursivas de realce do referente na posição de argumento interno do verbo, visto que, levando em conta o ponto de vista textual-interativo, o trabalho estético na mensagem não incorre na desconsideração das estratégias de modalização do discurso. A inversão sintática que desloca referentes na posição de argumento interno do verbo para a posição de tópico são, ao mesmo tempo, recursos textuais e discursi-



vos.

Desse modo, podemos continuar a empreender estudos que visem a testar a hipótese (iii), aquela que considera as inversões sintáticas não somente recursos de estilo, mas estratégias discursivas de realce do referente na posição de argumento interno do verbo. Quanto às hipóteses (ii) não correspondem porque tais inversões se dão no âmbito do registro escrito e não no falado, como é o caso dos usos de tópico comentário no PB, o presente trabalho não discutiu a necessária distinção de registro que a hipótese impõe. Assim, o passo posterior de pesquisa seria examinar se a antecipação de sintagmas nominais para a posição de tópico presente em textos quinhentistas como inversões sintáticas influiu na estrutura de tópico comentário do português brasileiro atual falado.

Ressaltamos que, para maiores conclusões, fazem-se necessárias averiguações e estudos de maior aprofundamento teórico e *corpus* de maior escopo. Esperamos que este trabalho possa contribuir aos estudos diacrônicos empreendidos para a compreensão da língua portuguesa falada e escrita no Brasil, hoje e ontem.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Gramática de bolso do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2013.

BALLY, C. *Traité de stylistique française*. 2. ed. Paris: Libraire C. Klincksieck, 1951.

BASSETTO, Bruno Fregni. *Elementos de filologia românica: história externa das línguas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Lições de português pela análise sintática*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

CÂMARA JR., Joaquim Matoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: o Livro Técnico, 1978.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. de. O Português do Brasil. In: \_\_\_\_; ILARI, Rodolfo (Orgs). *Linguística Românica*. São Paulo: Ática, 2007. p. 237-69

\_\_\_\_\_. de (Org.). *Gramática do português brasileiro falado*. 4. ed. Vol. 1: A ordem. Campinas-SP: Unicamp, 2003.

KOCH, Ingedore Vilaça. *Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e escrever: estratégia de produção textual*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NEVES, Herbertt. *Argumentatividade das palavras: construção de aparato textual-iterativo para o estudo do léxico e análise em textos do jornalismo recifense sobre as eleições de 2018*. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras: Recife, 2020.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2011.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

PAIVA, Dulce de Faria. *História da Língua Portuguesa II: século XV e meados do século XVI*. São Paulo: Ática, 1988.

POSSENTI, Sírio. *Estilo como “uso” do sistema: a estilística de Mattoso em cinco teses*. Estudos Linguísticos XXXIV, p. 73-76, 2005.

TRABANT, Jürgent. *A linguagem, objeto de conhecimento: breve trajeto pela história das ideias linguísticas*. Tradução e apresentação: Carlos Piovezani, Luzmara Curcino, Marcio Alexandre Cruz. São Paulo: Parábola, 2020.

VIDOS, Benedek Elemér. *Manual de linguística românica*. 2. ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.